



## Formas de Ensino-aprendizagem / Como fazer a diferença!

Ensinar e aprender estão, pois, extremamente ligados e mais que o conteúdo “ensinado”, o importante é o modelo relacional vivido nestas aprendizagens, que vai se imprimindo na subjetividade do aprendente. O ensinante precisa investir, querendo e acreditando na possibilidade do aprendente, autorizando-o a ser um sujeito pensante, para que ele possa cumprir com as duas funções básicas da aprendizagem: a construção do conhecimento e a construção de si mesmo enquanto sujeito criativo e pensante.

Modernamente, um professor vocacionado, mesmo iniciante, mas com um mínimo de experiência e bom senso, consegue perceber em algum momento de suas aulas presenciais que cada aluno é um ser único, em suas características e diferentes maneiras de ver o mundo e perceber a aplicação de determinado conteúdo ministrado.<sup>1</sup> Há dezenas de reações diferentes a um exercício, a uma apresentação ou a uma dinâmica de grupo. Alguns de seus alunos reagem mais a uma explicação falada, outros preferem debates, alguns a simplesmente copiar a oratória do professor, ou ainda alunos que preferem tirar cópias do caderno daqueles que copiam tudo.<sup>2</sup> Existem aqueles que, ao ouvirem a expressão "trabalho em equipe": já levantam a mão, perguntando: - Pode ser individual, professor? Como, então, garantir que o conhecimento chegue a todos?<sup>3</sup>

<sup>1</sup> A frase é da educadora Norte-americana Bernice McCarthy: "Não existe apenas uma maneira de aprender, nem apenas uma maneira de ensinar".

<sup>2</sup> A heterogeneidade persiste na hora de se ensinar um conteúdo. Uma pequena percentagem de estudantes compreende rapidamente o que o docente leciona, enquanto os demais têm alguma dificuldade.

<sup>3</sup> O autor faz um paralelo com o alerta do Prof. Paulo Freire que asseverava: Somos simultaneamente aprendentes e ensinantes. Lima complementa: É perceptível, contudo, que ensinar é mais difícil do que aprender. Em uma de suas obras, Freire contextualizava: Só existe docência se existir discência, ou seja, o ensino de fato só se efetiva se houver a correspondência com as aprendizagens significativas dos discentes.



Cabe ao professor identificar e se adaptar a cada estilo de aprendizado do aluno. Até aí, tudo bem, o problema é que esses estilos de aprendizagem tendem a ser diametralmente opostos. Ou seja, se você tiver quatro tipos de alunos em sua sala de aula, toda ação que você fizer irá encantar 25% da turma... e provocar bocejos ou apreensão nos outros 75%.<sup>4</sup>

Para conseguir transportar o conhecimento nas mais variadas formas, é preciso entender o processo de transposição didática e dominar as cinco linguagens que o cérebro utiliza para desenvolver a aprendizagem.<sup>5</sup>

Segundo o Professor Geraldo Peçanha de Almeida, em seu livro ensaio lançado no Brasil em 2005, abordando uma nova metodologia sobre transposição didática aplicada em qualquer área de conhecimento, criando-se um processo conjugando diversas formas de ensinar a mesma coisa, ou seja, fabricando artesanalmente os saberes, transportando o conteúdo para a mente dos alunos.<sup>6</sup> Quanto mais sequencia houver, mais condições têm o professor de aplicar a transposição.

Para o filósofo alemão Martin Heidegger, ensinar é mais difícil do que aprender porque ensinar significa deixar aprender. Uma arte refinada, que exige sensibilidade extrema para perceber as disposições de cada aluno, para detectar o grau de maturidade intelectual e emocional de cada estudante, para permitir que o aluno mesmo entre em contato com a necessidade pessoal de buscar a verdade. O professor que entende as “artimanhas” desse deixar aprender jamais pretende dominar o aluno com recompensas e muito menos com punições ou ameaças. Limita-se, rompendo todos os limites a apresentar o que entende ser a verdade, mais com uma atitude de busca do que com grandes proclamações de já ter encontrado ou definido tudo.

Segundo Piaget, se um conteúdo não pode ser transmutado em linguagem, não é um conteúdo. E, para saber se o aluno aprendeu de verdade um conteúdo, ele tem de ser capaz de desenhá-lo. Se ele tiver de explicar o assunto, deve ser capaz de fazê-lo escrevendo, criando esquemas no computador ou modelando. Se conseguir, a transposição didática terá ocorrido, completa o autor.

---

<sup>4</sup> O truque, então, seria fazer uma aula mista, em que cada parte agrade uma parcela dos alunos. Com o passar do tempo, a turma irá criar uma identidade média clara, facilitando seu trabalho.

<sup>5</sup> Leia: [www.grupoempresarial.adm.br/download/uploads/MM%20inteligencias%20multiplas\\_M5\\_AR.pdf](http://www.grupoempresarial.adm.br/download/uploads/MM%20inteligencias%20multiplas_M5_AR.pdf)

<sup>6</sup> Almeida, Geraldo Peçanha, Transposição Didática – Por onde começar? e Práticas de Alfabetização e Letramento, ambos editados pela Cortez, Rio de Janeiro, em 2005.



*“Para ter alunos exploradores, precisamos de professores que estimulem a exploração. Para lidar com a era da informação dentro e fora da sala de aula, precisamos de professores que possam ensinar os alunos a gerenciar as informações por meio das tecnologias disponíveis e que possam ajudá-los a transformar informações em conhecimento”.* (Heshinger e Kosh, 1993. Apud HEIDE, A. **Guia do professor para a internet**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.p.39).

O conceito de transposição didática foi desenvolvido pelo francês Yves Chevallard há cerca de 50 anos, para o ensino da matemática, mas suas obras são muito raras em nossos acervos. Há outros escritos sobre esses conceitos que podem ser pesquisados em obras de Edgard Morin, que se apossou do conceito e tem muitos livros sobre o assunto consolidado com novas metodologias. Outro autor consagrado que vale a pena a leitura desses ensaios é Philippe Perrenoud, que escreve sobre novas formas de aprendizagens.<sup>7</sup>

Embora muito lento, os passos dessa resiliência, acredita-se que essas maneiras de melhor ensinar a transportar o conhecimento venha se propagando entre todos os educadores permitindo uma integração com o aprender de cada tipo de aluno.

*“É preciso que se diga que a situação é eminentemente incômoda (...); constata-se uma defasagem entre o que os alunos sabem e o que os professores sabem, mas em sentido contrário (...). Daí esta situação sem precedentes na história da pedagogia: os professores precisam, se não ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos...”*

TARDY, M. Apud SAMPAIO, M. & LEITE, L. *Alfabetização tecnológica do professor*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 09.

Finalmente, resalto o uso do bom senso de um educador que ao analisar seus alunos, vai perceber que não existem, em sua sala, nenhum discente completamente Radical ou Diplomata. Mas todos têm um estilo de aprendizagem ligeiramente dominante e que faz toda a diferença na hora de compreender a matéria. Atenha-se a tais preferências de seus alunos. Existem várias mudanças no ofício do professor. Algumas são difíceis de serem percebidas - envolvem mudanças nos desejos dos alunos, do conteúdo das matérias, da forma de ensinar. Outras mudanças estão em nossa cara, alteram a forma de dar aula.

---

<sup>7</sup> Recomendo o acesso do leitor ao Portal do Professor, cujos resumos e documentos importantes ensinam a sequencia didática com um caminho para atingir a transposição.  
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>



## Referencias

CASTANHO, Sergio & CASTANHO, Maria Eugenia L. M. (orgs.) O que há de novo da educação superior: do projeto pedagógico à prática transformadora. São Paulo: Papirus, 2005.

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1987.

HEIDE, Ann. *Guia do professor para internet: completo e fácil*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEVY, Pierre. *Nós somos o texto*. <http://caosmose.net/pierrelevy/nossomos.html>

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Portal*. Disponível em: <http://caosmose.net/pierrelevy/>

LIMA, Arievaldo Alves de. [Resenha Professor Proativo](#).

\_\_\_\_\_. Aspectos motivacionais. <http://www.gru-poempresarial.adm.br>

\_\_\_\_\_. *Os cursos online: Educação a Distância. Alternativas de avaliação*. Rio de Janeiro: Pod Editora, 2009.

MORETTO, Vasco Pedro. *PROVA - um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

MORAN, Jose.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.